

# Conclusões

1. O índice “recusas” em participar da pesquisa foi bem maior que no levantamento de 2001. Levando-se em consideração as 108 cidades em conjunto, as recusas foram de 16,7%; as maiores recusas ocorreram na região Sudeste com 21,9% e as menores no Centro-Oeste com apenas 3,3%.
2. A amostra foi constituída com discreto predomínio do sexo feminino, pouco mais da metade de caucasóides (brancos – 54,5%), com distribuição desigual, sendo de 78,5% na região Sul e no Nordeste com 38,9%.
3. Quanto ao estado civil dos entrevistados houve discreto predomínio de solteiros nas regiões Norte e Nordeste. A grande maioria dos entrevistados pertencia à classe socioeconômica C nas cinco regiões do País.
4. A baixa escolaridade atinge, pelo menos, um terço no Brasil. Na região Nordeste os entrevistados que não são letrados ou têm primeiro grau incompleto foram de 33,0%; a Centro-Oeste aparece em segundo lugar com 30,9% nessas condições. Vale lembrar que em muitos lugares não há mais repetência escolar. A religião católica teve as maiores porcentagens (ao redor dos 58%), em todas as regiões brasileiras.
5. A prevalência de *uso na vida* de qualquer droga, exceto tabaco e álcool, teve a maior porcentagem na região Nordeste, onde 27,6% dos entrevistados já fizeram uso de alguma droga. A região com menor *uso na vida* foi a Norte com 14,4%. No Brasil, o *uso na vida* para qualquer droga (exceto tabaco e álcool) foi de 22,8%. Esta porcentagem é, por exemplo, próxima ao Chile (23,4%) e quase metade dos EUA (45,8%).
6. O *uso na vida* de álcool, nas 108 maiores cidades do País, foi de 74,6%, porcentagem inferior a de outros países (Chile com 86,5% e EUA, 82,4%). O menor *uso* de Álcool ocorreu na região Norte (53,9%) e o maior no Sudeste (80,4%). A estimativa de dependentes de Álcool foi de 12,3% para o Brasil; no Nordeste as porcentagens atingiram quase 14%. Em todas as regiões observaram-se mais dependentes de Álcool para o sexo masculino.
7. Dentre os sinais/sintomas que determinam o diagnóstico de dependência de álcool os mais citados foram o “desejo de diminuir ou parar o uso”, com 11,4%, seguido pela “perda do controle em beber” (9,1%). A relação entre o *uso* e dependência mostrou que de cada quatro pessoas do sexo masculino que fazem *uso na vida* de álcool, uma delas torna-se dependente. A proporção para o sexo feminino foi de 10:1.
8. O *uso na vida* de tabaco foi de 44,0% no total, porcentagem inferior ao do Chile (72,0%) e EUA (67,3%). Quanto à dependência de tabaco, 10,1% preencheram critérios para um diagnóstico positivo. A maior porcentagem de dependentes de tabaco apareceu na região Centro-Oeste com 11,5%.
9. Quanto aos critérios que determinam a dependência de tabaco, o sinal/sintoma que mais aparece é o “desejo de diminuir ou parar o consumo”, desejo que aumenta com a idade. Por outro lado, “os riscos físicos sob efeito do tabaco” foi detectado em baixíssimas porcentagens, o que parece óbvio para o caso do Tabaco. A relação entre o *uso na vida* e a dependência de tabaco teve proporção idêntica, ou seja, de cada quatro homens ou quatro mulheres que fizeram *uso* de tabaco, um de cada sexo torna-se dependente.

10. O *uso na vida* de Maconha, nas 108 maiores cidades, foi de 8,8%, resultado este próximo aos da Grécia (8,9%) e Polônia (7,7%), porém abaixo dos E.U.A. (40,2%) e Reino Unido (30,8%). A região Sudeste foi campeã em porcentagens de *uso na vida* (10,3%) e teve também a maior prevalência de dependentes de Maconha com 1,4%.
11. A prevalência de *uso na vida* de Cocaína, nas 108 maiores cidades do País, foi de 2,9%, sendo próximos à Alemanha (3,2%), porém bem inferiores aos EUA, com 14,2%, e Chile com 5,3%. A região Sudeste foi aquela onde se verificaram as maiores porcentagens (3,7%) e a menor, no Norte com aproximadamente 1%.
12. O *uso na vida* de Crack foi de 1,5% para as maiores 108 cidades do País, cerca de duas vezes menor que no estudo americano. O uso de Merla (uma forma de cocaína) apareceu na região Norte com 1,0%, a maior do Brasil.
13. O uso de Solventes foi de 6,1%, prevalência superior à verificada na Colômbia (1,4%) e Espanha, ao redor de 4,0%. Por outro lado, a prevalência do *uso* de Solventes nos EUA foi de 9,5%. A região Nordeste teve as maiores porcentagens de uso dessas substâncias com 8,4%.
14. O *uso na vida* de medicamentos, sem prescrição médica, teve um fato em comum: mais mulheres usaram do que os homens, para qualquer das faixas etárias estudadas. Os estimulantes aparecem com 3,2% de *uso na vida*. Os benzodiazepínicos com 5,6%, menos que o observado nos EUA (8,3%).
15. A Heroína, droga tão citada na mídia, teve *uso na vida* por sete entrevistados, sendo seis homens. Embora essas porcentagens estejam muito abaixo da americana e na Colômbia (1,3%), 29,6% dos entrevistados tiveram a percepção de que obter heroína era fácil. Há discrepância entre o número de pessoas que relataram (7) e as porcentagens de facilidade de obtenção, provavelmente, pelo imaginário popular criado pela mídia.
16. A Maconha seria a droga mais facilmente encontrada, segundo a percepção dos entrevistados, com 65,1% das respostas. A Cocaína aparece em segundo lugar com 51,1% e o LSD-25 tem porcentagens idênticas à da Heroína, ao redor dos 30%.
17. Em relação à percepção do tráfico de drogas, 18,5% do total de entrevistados afirmaram ter visto alguém vendendo drogas. Quanto à percepção de compra de drogas, as porcentagens foram de 18,3%, o que mostra coerência dos entrevistados ao responderem esses itens. Se existe quem vende, há quem compra.
18. Cerca de 64% dos entrevistados afirmaram ter visto pessoas alcoolizadas nos 30 dias prévios à pesquisa. Já a percepção de pessoas sob efeitos de outras drogas foi de 36,9%. De qualquer forma as porcentagens são muito elevadas, o que pode ser, simplesmente, reflexo de uma hipervalorização da sociedade, delegando às drogas qualquer alteração comportamental.
19. A opinião dos entrevistados sobre os graves riscos do uso de bebidas alcoólicas, uma ou duas vezes por semana foi de 20,8%; já o uso por uma ou duas vezes na vida de Maconha foi considerado um risco grave para 48,1%; ainda 77,1% dos entrevistados consideraram grave o uso de Cocaína uma ou duas vezes na vida. A percepção de riscos mais que duplica na comparação entre Álcool e Maconha e quase triplica quando o Álcool é comparado à Cocaína/Crack.
20. O uso diário de Álcool, Maconha e Cocaína é considerado um risco grave à quase totalidade da amostra, independente do sexo, da faixa etária e região brasileira.
21. Na região Norte, a porcentagem de pessoas que já se submeteram a algum tratamento foi a maior do País. Para o Brasil, como um todo, cerca de 11% dos entrevistados foram tratados pelo uso de Álcool e outras drogas.
22. As discussões foram as complicações mais frequentes decorrentes do uso de Álcool e outras drogas com 2,9%; 10,8% dos homens e 3,3% das mulheres já discutiram sob efeito de alguma droga. As quedas aparecem em segundo lugar com 4,0%. As demais complicações giram em torno dos 3,0%.